



Mais



PALMA DE OURO

Pela primeira vez na história de Cannes, a Palma de Ouro foi atribuída a um realizador e às duas protagonistas do filme, Léa Seydoux (à esquerda) e Adèle Exarchopoulos (à direita)

REGIS DUVIGNAU/REUTERS

Abdellatif Kechiche.

“A Palma de Ouro não é de quem cospe no próprio trabalho”

O realizador esteve em Portugal para apresentar “A Vida de Adèle”, o filme envolvido em polémica que ganhou o Grande Prémio de Cannes. Chega aos cinemas na próxima quinta-feira

CLARA SILVA
clara.silva@ionline.pt

Abdellatif Kechiche tinha deixado de fumar há doze anos. Foi durante a montagem de “A Vida de Adèle” que retomou o vício. “Foi um ano difícil”, justifica o realizador de 52 anos sentado no sofá de um hotel em Cascais. É por isso que, antes de começar mais uma entrevista a propósito da ante-estreia do filme no Lisbon & Estoril Film Festival, ainda demora o seu tempo a fumar um cigarro na varanda com vista para o mar.

“Veio de azul de propósito?”, perguntamos com um sorriso. A camisola foi mera coincidência, tal como os ténis azuis e uma caneta azul em cima da mesa. O filme que lhe valeu este ano a Palma de Ouro em Cannes – e também às duas protagonistas, mas já lá vamos – foi adaptado da banda desenhada de Julie Maroh “Le Bleu Est Une Couleur Chaude” e em inglês também ganhou uma tradução azulada: “Blue Is The Warmest Colour”.

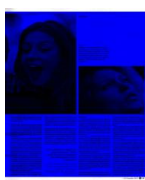
“Na verdade o ponto de partida não foi a banda desenhada, mas sim uma personagem secundária do meu filme ‘A Esquiva’ [de 2003]”, esclarece o realizador. “Quería desenvolver a personagem da professora de francês do filme e come-

cei a imaginar tudo o que ela vivia e sentia, como encarava a profissão com um instinto de sobrevivência, quando me deparei com a banda desenhada e no meu imaginário as duas histórias começaram a alinhar-se.”

ERA PRECISO MATÁ-LA No livro a personagem principal chama-se Clémentine e tem um fim trágico, que conhecemos logo no início. Kechiche optou por dar o nome da atriz principal, Adèle Exarchopoulos, de 19 anos, à protagonista do seu filme, mas não quis matá-la.

“A banda desenhada é sobretudo uma obra militante [a história de amor entre duas raparigas.] e tive a impressão de que ela [a autora] não sabia muito bem o que fazer com as personagens e que por isso era preciso matá-la”, diz. “Ao longo da banda desenhada [a Clémentine] é uma personagem que vive em conflito consigo mesma, o carácter oposto de Adèle, que acaba por viver plenamente o seu desejo.”

“A Vida de Adèle”, que chega na próxima quinta-feira às salas de cinema portuguesas, acompanha – tal como o nome indica – alguns anos da vida da adolescente Adèle, que ambiciona ser professora, e que acaba por se apaixonar por Emma



Cinema

AZUL

O filme é uma adaptação da banda desenhada de Julie Maroh "Le Bleu Est Une Couleur Chaude". A autora não dá entrevistas, mas escreveu um comunicado sobre o filme no qual critica as cenas de sexo entre as duas atrizes: "Faltavam lésbicas nas rodagens"

D.R.



(Léa Seydoux), uma rapariga de cabelo azul, estudante de Belas Artes, com quem se cruza na rua.

APETITE DE VIVER Antes do filme, Adèle Exarchopoulos pouca experiência tinha no cinema, ao contrário de Léa Seydoux, de 28 anos, com aparições, por exemplo, em "Meia-Noite em Paris", de Woody Allen ou "Sacanas Sem Lei", de Quentin Tarantino.

Kechiche, mais conhecido pelo seu filme de 2007 "O Segredo de Um Cuscuz", escolheu Adèle depois de um casting e de várias conversas num café de Belleville, em Paris, onde mora. "Ela tinha nela a personagem ideal. É uma rapariga que tem as emoções à flor da pele, uma personalidade forte, que dá muito de si e que, além de lançar uma grande sensualidade, tem apetite de viver, como a personagem."

"Também a escolhi de acordo com a sua condição. É uma proletária e podia sentir verdadeiramente isso." Já a "condição social" de Léa Seydoux (neta do administrador da empresa de cinema francesa Pathé) também ajudou: "Correspondia àquela elite burguesa, cultural e achei que podia dar isso à personagem."

A química entre as duas atrizes, que o realizador antecipou "por intuição", aca-

bou por mudar a história de Cannes em Maio. Pela primeira vez no festival, o júri - presidido este ano por Steven Spielberg - decidiu atribuir a Palma de Ouro ao realizador e às duas protagonistas do filme.

UM GOLPE NO DIA DO CASAMENTO Lágrimas, sorrisos, abraços, mas a festa durou pouco tempo. No mesmo dia, o sindicato do Cinema e do Audiovisual tornava públicas as denúncias feitas pela equipa técnica do filme - que ganhou o mesmo salário do que Léa. "Sim, é verdade, a minha moral cinematográfica é um pouco diferente do habitual", confirma o próprio

O realizador culpa Léa pelos atrasos. "Não entrou na personagem tão facilmente como esperava"

"As cenas de sexo não foram as mais difíceis de filmar. Tive mais dificuldade na do banco de jardim"

Kechiche.

A equipa queixou-se porque a rotação deveria ter durado dois meses mas acabou por se prolongar por mais três, e em regime de voluntariado, já que não havia mais dinheiro. "Durou mais tempo porque tive muitas dificuldades com a personagem de Emma", justifica Kechiche. "Ela [Léa] não entrou nela tão facilmente como esperava..."

Quanto às acusações dos técnicos diz terem sido "um golpe no dia do casamento". "Foi sujo, sujo... Indigno. Ainda por cima porque as pessoas não se identificaram. A Palma de Ouro é de todos os que reivindicam o filme, de todos os que serviram de inspiração, como os professores, e não daqueles que o rejeitam ou que cospem no próprio trabalho."

Depois disso foi Léa Seydoux a queixar-se do realizador franco-tunisino. Numa entrevista ao site "Daily Beast", a atriz considerou a experiência de filmagens "horrível" e disse nunca mais querer trabalhar com Kechiche. Ao "The Independent" revelou ter-se sentido "humilhada" a filmar as cenas de sexo: "Senti-me como uma prostituta."

FALTAVAM LÉSBICAS Na internet multiplicam-se comentários aos oito minutos de

cenas de sexo entre as duas atrizes, que demoraram dez dias a gravar. Julie Maroh, a autora da BD, compara-as a pornógrafas e diz que "faltavam lésbicas nas rodagens".

"Na verdade as cenas mais difíceis de filmar não foram as de sexo", afirma Kechiche que optou por realizar o filme cronologicamente. "A [cena] que tive mais dificuldade e que recomecei várias vezes foi a do banco de jardim, em que estão a falar sobre Sartre."

Para as várias cenas do filme à mesa, quer a comer esparguete, quer a comer ostras, o realizador tem vários truques para torná-las tão reais. "Peço sempre aos actores para irem para as filmagens com fome. No filme eles estão mesmo com fome e adoro essa perda de controlo, todos os movimentos automáticos que fazemos quando estamos com fome..."

Apesar de as cenas de sexo estarem a dar fama ao filme, há mais cenas na sala de aula do que propriamente na cama. A escola é uma obsessão do realizador: "Para mim os professores é que são os verdadeiros artistas. Têm uma profissão nobre, mas estão sempre na sombra e com salários pequenos, ao contrário dos artistas, onde eu próprio me incluo, que considero mesmo desprezíveis."